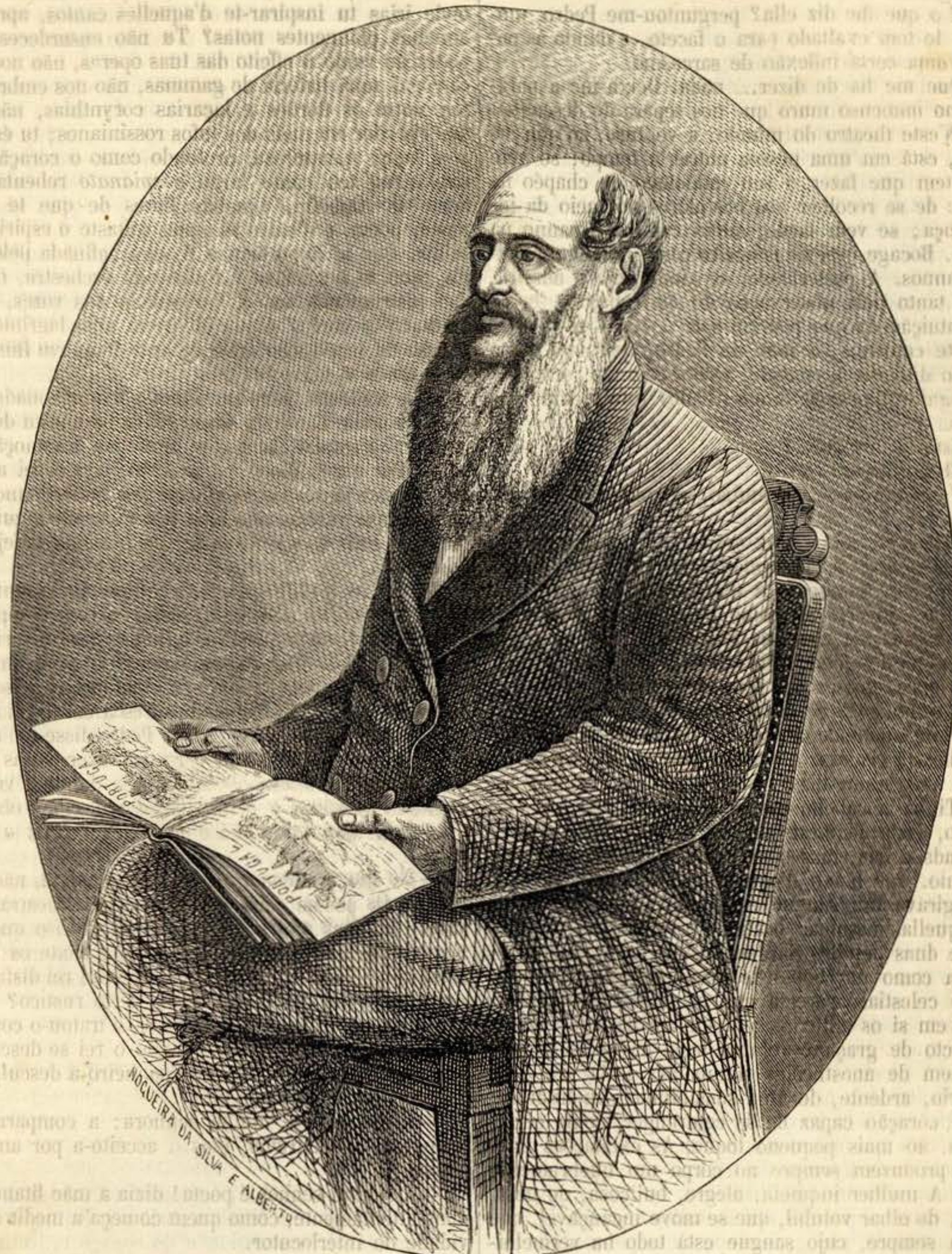


O SENHOR D. MIGUEL DE BRAGANÇA

O seculo vae tempestuoso para os reis. O vendaval sopra nas eminencias. Quantas vezes já se tem aberto na terra do exilio a campa d'aquelles que exerceram o supremo poder! Quantos monarchas desthronisados não viu a Europa vagueando de terra em terra, subindo e descendo a escada do estrangeiro, e comendo, muitas vezes amassado com lagrimas, esse pão que Dante, o exul gibelino, achava tão amargoso!

Depois de Goritz, Claremont; depois de Claremont, Brombach! Carlos x, Luiz Filippe, D. Miguel! E onde se abrirá, no fim de largos annos, o tumulo d'esse proscripto, que alonga os olhos arrazados de agua para a sua Napoles gentil, a garrida e caprichosa italiana, que hoje acclama com delirios de enthusiasmo o filho dos seus antigos monarchas, ámanhã se arroja, com loucos impetos de amor, aos braços da joven liberdade? O tronco borbonico, depois de ter espanejado a sua viçosa ramaria por todos os thronos da Europa, desprende pouco a pouco as folhas sêccas, que, impellidas pelo tufão da desventura, vão aqui e além, ao acaso da sorte, sumir-se no pelago da eternidade.

Preito ao infortunio, honra á magestade no exilio! Quando uma fronte soberana deixa rolar por terra o diadema para cingir a corôa espinhosa dos martyres, emana d'ella um resplandor augusto, que afugenta de certo os cortezãos, mas perante o qual se curvam com respeito os poetas. A cruz sanctifica; a proscripção

absolve. Quando a mãe carinhosa acaba de cerrar a porta do lar domestico ao filho por quem se julga offendida, cae de joelhos e chora. Se além, na terra estranha, se lhe cava um tumulo, forram-se de pannos luctuosos as paredes da casa paternal. O naufrago saíu do porto em hora aziaga; vagueou sósinho na immensidade dos mares; nunca mais viu resplandecer na escuridão nocturna a luz de conhecido pharol. Uma noite a onda sombria tragou-o. Negou-lhe a sorte dois palmos da terra querida que pisou na infancia. O exilado é o naufrago.

Hoje estão sendo os reis os predilectos do infortunio. A purpura monarchica é para muitos a tunica de Nesso. Os degraus do throno quantas vezes se immergem nas sombras do exilio! Os modernos Edipos, victimas expiatorias do crime ou do erro dos seculos, enchem o mundo a cada instante com a sua vagueadora solidão. As honras funerarias, prestadas pela patria ao infimo chatim que exerceu funcções publicas, nega-as aos filhos dos reis que perderam corôa e sceptro na tormenta revolucionaria. As loisas dos descendentes de S. Luiz e de Affonso Henriques rangem escondendo os cadaveres, sem que o troar lugubre da artilheria annuncie aos povos a morte d'aquelle cujo nascimento saudaram; sem que se abra o regio carneiro para entrar esse novo hospede da morte; e as sombras dos antepassados, erguidas sobre os tumulos, esperam em vão que o orgão encha de lamentações o templo, e que o neto dos monarchas desça a escada funebre que liga a nave ao jazigo, a vida á eternidade.

Mas o pensador, aquelle que se inclina perante as ruinas e beija a mão aos proscriptos; o que, depois da victoria, abandona o carro do triumphador para respeitoso ir cortejar o vencido; o que se embebe em melancolico scismar contemplando, cheio de profunda commoção, o crepusculo das velhas instituições, esse deixa o mundo official entregue á sua indifferença gélida, passa por diante dos mudos canhões, das bandeiras fluctuantes, das cathedraes silenciosas, e, descendo os degraus do tumulo do proscripto, accende á cabeceira do cadaver olvidado a lampada de oiro da poesia, doce estrella que banha as ruinas com a sua luz, virgem santa que só vela os martyres.

Hontem ainda erguia-se, entre os rumores da festa e as acclamações de um povo, a estatua do duque de Bragança. Hontem ainda prestavam-se as maximas honras á memoria do vencedor na rija lucta que se travou entre dois principios oppostos. Ficou silenciosa a minha voz, não porque deixasse de me associar aos sentimentos que animavam os espectadores do festejo, mas porque os hymnos do triumpho não precisam de mais uma nota no turbilhão immenso da sua harmonia, porque as pompas officiaes dispensam facilmente uma luminaria panegyrica entre o esplendor de tantas. Não faltam cortezãos á fortuna, não faltam sorrisos ás ovações. E, comtudo, eu sou um dos mais convictos adeptos dos principios defendidos em Portugal pelo vulto a que o Porto prestava tão elevado tributo de reconhecimento. Mas, scismador obscuro, devaneador de utopias, quando se solemnisa a victoria, penso com irresistivel tristeza no campo da batalha.

Hoje morre na obscuridade do exilio o outro personagem principal d'essa tragedia sanguinolenta. Hoje o proscripto, o vencido, o principe desherdado, baixa ao tumulo no meio do silencio official. Expira o senhor D. Miguel de Bragança longe da patria. E eu, adversario decidido das idéas que o seu nome representava, ajoelho em espirito junto d'essa campa tambem proscripta, e, curvado ante a magestade suprema da morte, murmuro:

«Senhor! Vae longe o echo das batalhas! e vencedores e vencidos, olvidando os odios da lucta, estimam-se e fraternisam sem deixarem de se conservar fieis ás bandeiras que tremulam nos arrayaes oppostos!

«Á sombra das cruzes tumulares congraçam-se as rivalidades, deixa de se ouvir o estridor da lucta immensa, em que se revolve o mundo, para se escutar apenas a voz do infortunio.

«Não se agrupam só em torno da vossa campa os leaes que não desampararam na derrota a bandeira que haviam seguido na prosperidade, mas um povo inteiro, grave e respeitoso, presta homenagem ao filho dos seus monarchas, e lamenta que estas procellas, que desenraizam os thronos, arrojem para longe da patria o tumulo dos vencidos.

«A proscripção é impia, a vingança é indigna dos defensores de uma idéa. A patria não engeita os filhos; conservar um só longe d'ella é perpetuar a ferida que lhe rasgou o seio.

«A historia julgará os vencedores e os vencidos; mas junto da campa do exilado não póde ella pronunciar os seus juizos severos; e o anjo da patria, velando com a aza luminosa, o rosto humedecido de pranto, poisa na tumba solitaria a palma do martyrio.

«Dorme em paz, filho e neto de reis, longe do tumulo faustoso onde os monarchas jazem. Ave expulsa pela tormenta do roble altivo onde campeavas, foste poisar o ninho viajante longe da patria, e os teus filhos não viram, ao nascer, a luz ardente que inunda o ceo de Portugal! Embora! Aos que morrem no throno só Deus sabe as visões sinistras que lhes envia, se o crime ennodoou a purpura, ou as amarguras com que os punge, se innocentes vergaram ao peso da immensa cruz! E tu, purificado pela agua lustral do exilio, morreste, lacerado pela saudade talvez, mas sentindo ao menos que não havia em torno de ti senão dedicações sinceras provadas pelo fogo da adversidade.

«Dorme o teu corpo em terra estranha. Mas virá um dia em que a immensa luz da liberdade, da filha do Evangelho, illuminará em cheio todos os povos, e dissipará essas negras sombras da proscripção e do exilio, que hoje toldam o esplendor da civilisação. Então a onda dos naufragios, doirada pelo sol de Christo, virá serena e mansa, como nas lendas dos santos, trazer ao seio da patria os corpos de todos os martyres.»

M. Pinheiro Chagas.

UM ANJO NO PURGATORIO

(Vid. pag. 270)

III

Chegámos ao jardim, sentámo-nos, a ramagem da acacia em que Julia fallára cobria-nos com a sua sombra agradavel, a serenidade do espaço reflectia a de nós todos, e nos labios d'aquellas duas mães encanecidas brincava o sorriso da alegria, como no olhar dos filhos relampagueava a centelha do amor. Eu era o unico elo solto d'aquella cadeia affectuosa. A principio houve uma especie de silencio contemplativo, caíramos todos n'um estado de passividade, de embevecimento talvez. A felicidade é muda. Por que ha de o amor trivial, o amor das salas e dos bailes, o amor improvisado no redopiar das valsas, por que ha de elle ser palreiro e impertinente? Porque é apenas um capricho que se extinguirá com o clarão dos lustres e com o viço das grinaldas. As grandes tempestades humanas são como as da natureza; tem os seus presagios n'um silencio intimo e triste. De que nasce aquelle amor de Werther e Carlota? De uma lagrima.

— Em que pensa? perguntou-me Julia de repente, fazendo um esforço para se arrancar áquelle torpor dos sentidos.

— Pensava no *Othello*, minha senhora, no *Othello*

que hontem ouvi cantar deliciosamente; dou a Pedro por testimunha.

— E o que pensava d'elle? Desculpe-me a pergunta indiscreta; mas eu quero tanto bem áquella musica, que desejo saber sempre o que os outros pensam d'ella. Veja o que diz: olhe que Rossini tem em mim uma defensora intrepida.

— Não o atacarei agora; e demais, não era n'elle em que eu pensava, com verdade. Pensava no *Othello*, mas no moiro, na extraordinaria creação da tragedia ingleza. Perguntava a mim mesmo como os anjos se podem captivar dos condemnados, como Desdemona endoideceu por um negro, como as pombas se casam com os tigres. É notavel esta alliança da luz com as trevas.

— Não tanto como lhe parece, interrompeu-me Pedro; eu percebo a fatalidade do coração humano. Um facto apparentemente banal traz muitas vezes em si os germens de irresistiveis consequencias. Faça com que a filha de Brabancio não oiça a historia das peregrinações de Othello, e verá como ella o aponta ao ridiculo de Veneza. O amor saiu-lhe da piedade, as lagrimas fecundaram-lh'o; é corrente.

«Amor ella sentiu ouvindo as minhas penas,
Eu, de assim vêl-a triste, amor senti por ella.»

Ahi tem n'esses dois versos, concluiu elle levantando-se, a origem do que se lhe afigura maravilhoso.

— Mas da piedade ao amor vae muito. Entende-se que Desdemona lamentasse e chorasse as desventuras do negro; mas que o amasse até morrer por elle, é que é um tanto incomprehensivel.

— Natural, diga antes; não lhe parece, Julia? O amor é uma verdadeira esphinge, para que nunca se encontrará Edipo. Tudo se adivinha, tudo se decifra, tudo se descobre, todas as cerrações se desvanecem, todos os nevoeiros se dissolvem. Os hieroglyphos tem Champollion, o mar tem Colombo, os volcões tem Plinio, o ceo tem Kepler e Newton; o coração é o mysterio. A gente assiste ás suas multiplices transformações, admira-as, mas não as explica. Por que ha de a mulher amar aquelle em vez d'est'outro? Por que se ha de nortear a bussola? Eu sei!... porque para ambas existe uma grande somma de attracção, quer lhe chamem sympathia ou magnetismo. Em questão de amor, meu caro, nada ha tão natural como o incomprehensivel.

— Soberbas doutrinas com que se evitam as discussões; não creio n'essa fatalidade despotica.

— Porque nos humilha. Prégâmos a liberdade, e somos os escravos do invisivel; quebrâmos a cadeia de ferro, e não conseguimos partir a de um olhar. Resigne-se, meu poeta: o seu coração ha de ir até onde lh'o levar o vento. Para onde julga que se dirige aquella folhinha que se desprendeu agora? Veja lá se alguem o suspeita!

O nosso dialogo, como vêem, tinha subido a um certo cocuruto de transcendencia; Julia, quando a conversação entrava por estes caminhos invios e tortuosos, entretinha-se em apanhar algumas flores dos alegretes.

Era uma gentil criança aquella Julia; intelligente e boa, sem um vislumbre de orgulho infatuado, sem uma sombra de pretenção ridicula. Os Mascarilles não tinham que fazer com ella, e as Madelons muito menos. A sua vida partia-se em duas quadras apenas: a do collegio e a do amor. Fallava na primeira com a singeleza da innocencia, e na outra com o enthusiasmo da paixão. Aquelle jardim era para ella o universo inteiro; não suspeitava que lá fóra houvesse outro mundo nem outra felicidade. Ás vezes começava a devanear o seu futuro com Pedro, o ceo azul, as rosas, os contentamentos que a esperavam; e então batia as mãos com uma graça infantil, que me fazia sorrir e scismar ao mesmo tempo. Pedro adorava-a; a sua alma, concentrada tantos annos, havia-se aberto n'uma explosão affectuosa. Andára pelo mundo á tôa, cego, perdido, indifferente, morto para tudo o que não fossem os sentidos, estranho a enlêvos, solitario no meio dos homens. Um dia aquelle anjo veiu sentar-se-lhe ao lado, acordou-lhe o espirito adormecido, arrebatou-lh'o, embebeu-lh'o em luz celestial, em clarões de uma alvorada etherea. Abrira os olhos, e dera com aquelle rosto inclinado sobre o seu rosto, com aquelles labios entreabertos pelo mais carinhoso amor. Como não havia a sua alma de voar toda para aquelle seio offegante? como é que o seu pensamento poderia deixar de habitar n'aquelle sanctuario? Os filhos quando despertam no regaço materno, e quando, antes de haurir a vida nos peitos que estremecem, erguem a vista para cima, dão sempre com aquelle ceo aberto de uma fronte desassombrada e amoravel, ceo onde reluzem duas estrellas propicias. D'estes olhares que se trocam, d'estes sorrisos que se confundem, d'estas aspirações que se casam, d'este enlace divino, é que procede, é que resulta o amor. O de Julia e Pedro era feito da pureza dos anjos e da ancia dos homens: era um raio de sol de maio brincando no verticillo das rosas.

Demorámo-nos no jardim até ás horas de jantar; os assumptos variaram de continuo, debateram-se as altas questões da arte e da moda, citaram-se poetas e figurinos, as excellencias do *poil de chèvre* succederam-se ás da *Jerusalem libertada*. Este esvoaçar no dialogo dá-lhe um sainete inestimavel. A conversação methodica, regrada e circunscripta, é como aquellas batalhas antigas em que os regimentos se moviam a passo grave e de gasnate erguido; o dialogo travêsso, borboleteador e inconstante, é a peleja moderna, á carga, de um a outro ponto, saltando-se os combros, vadiando-se os rios, sem mochilas de erudição empanturrada. Nós entravamos na bateria como os zuavos em campanha; estavamos muito longe dos Benedeks da academia. Ás tres horas subimos para jantar.

— Sabe que nos casaremos em breve? disse-me Julia ao subir a escada. Receio que Pedro se me antecipe a convidal-o, e por isso o convido agora. Ha de ser nosso esse dia; não falte. Admira-se da sem-ceremonia com que o trato? É que o conheço ha muito. Pedro fallava-me tantas vezes a seu respeito, e por tal modo, que me obrigou, mesmo a distancia, a consagrar-lhe affecto. Ha de ser nossa visita, ha de acompanhar-nos nos serões de inverno. Eu não sou das que mais apreciam os bailes; gosto do socego da casa, do conchego da familia, do meu chá, do meu piano. Sou um pouco selvagem, confesse. Que quer? Cresci assim, e assim hei de continuar... se for essa a vontade do meu noivo, concluiu ella estendendo a mão para Pedro, que lh'a apertou, levando-a aos labios.

O jantar estava na mesa; as brisas frescas do jardim haviam-nos desenvolvido o appetite; quando o espirito se desafoga, o estomago alarga-se. Eu, sem ser epicurista, morro por um jantar entre amigos, quando elle é tão bom como a amizade. A cozinheira de Pedro era uma vergontea dos Apicios romanos modificada pelo seculo; merecia a coroa de loiro, que póde significar tão bem a galhardia nas luctas como a aptidão nos adubos. Acabado o jantar, fomos tomar o café para a sala; momentos depois estava Julia sentada ao piano, e as suas bellas mãos percorriam o teclado em caprichosas melodias.

— Ah! exclamou ella levantando-se de subito, e indo buscar acima da jardineira um album em que eu até alli não reparára; quero pedir-lhe uma coisa: ha de escrever-me algumas palavras.

Á vista do album senti um calefrio correr-me pela espinha abaixo, e as pernas vacillaram-me como as de um ebrio. Julia sorriu-se.

— Assusta-se? perguntou-me ella. Não creia que lhe dou um d'esses livros medonhos que são o flagello da humanidade. Este album é modesto e simples; deu-m'o uma companheira de collegio; guardei-o seis annos; um dia Pedro viu-m'o e escreveu-lhe duas linhas; tinha-o agora para lhe desenhar aquella acacia, a cuja sombra nos temos sentado tantas vezes. Memorias para o futuro! Peço-lhe que tambem escreva... o seu nome, pelo menos.

— Com todo o gosto, minha senhora.

Abri o album; na primeira folha havia estas palavras, escriptas por Pedro: «Hoje e sempre; ahi tens a divisa do meu amor.» Peguei na penna, sentei-me, e dispuz-me a escrever tambem. Não sei que fatal presentimento me havia assaltado n'aquelle instante; ondeava-me na cabeça um tropel de idéas sombrias; condensava-se-me em volta um fumo negro de tristeza. Voltei a folha e escrevi:

«Quem sabe o que ha de ser? A estrella d'hoje
Póde extinguir-se, a pomba que além foge
Póde o seio rasgar;
Murcha-se o viço á candida magnolia,
Ai, quem sabe tambem se d'harpa eolia
Ha de o canto expirar!

«Immensa escuridão! Debalde o triste
Alonga o turvo olhar, e insiste, e insiste
Para entre as sombras ver...
Anjo d'amor, que em sonhos te reclinas,
A tua doce paz d'horas divinas
O que ha de amanhã ser?

Ao acabar a ultima palavra tive tentações de rasgar a folha. Parvo, parvo, o que fôra eu alli fazer com as minhas lugubres caturrices? Depois de um juramento, de uma idéa calorosa, de um arrobo de amante, fôra eu com a minha penna de coruja lançar o traço aziago, embaciar o cristal, turbar talvez aquelles dois corações ardentes. Era impossivel remir a culpa; praguejei contra mim no intimo, e entreguei o album.

— Não repare no que ahi vae escripto, minha senhora; é um conceito velho que nada tem com v. exc. Deveria ter escripto outra coisa, penso que sim, mas não me lembrava agora.

Estava corrido, nem atinava com uma soffrivel desculpa. Julia correu os olhos pelos versos, e passou o album a Pedro.

— É triste, não lhe parece?

— Triste? é horrivel! A musa do meu amigo tinha agora despido as suas roupagens alvissimas, e enfiado uma sotaina de lemiste. Que tal, hein? Vá lá a gente de boa fé entregar-se nas mãos de similhantes philosophos! Apanha uma d'estas moralidades que estão mesmo a pedir abrigo nas lacrimosas noites de Young.

— Tem razão, meu caro Pedro; esqueci-me que escrevia no album de uma noiva de vinte annos, e ajorquei duas estrophes que nem para epicedio de aldeia. Castigue-me, castigue-me; eu cá estou de mãos postas resignado ao flagicio.

— Que bem o merecia, acudiu Julia, dando á sua meiga voz um tom de acrimoniosa severidade. Um dia de campo devia ter-lhe inspirado palavras mais alegres, mais consoladoras. Não sei, não sei, continuou ella curvando um pouco a fronte graciosa, e fazendo um gesto de creancinha agastada; parece que se aborreceu de estar comnosco!...

— Juro-lhe que se engana, minha senhora, exclamei eu estendendo-lhe a mão que ella me apertou entre as suas; deve rasgar a folha onde eu escrevi tão grande frioleira; Pedro repetirá na seguinte o seu protesto. Desculpe-me. A alegria excessiva entristece; o peso do bem cança o espirito. Todos os excessos molestam, todos os pesos derrubam. Foi o que succedeu commigo.

A noite aproximava-se; o grande disco do sol que afogueava o ceo desmaiava pouco e pouco, e as montanhas iam trocando a sua côr ardente pelo negro manto das sombras. Tinhamo-nos sentado á varanda; pela estrada desfilavam duzias de ranchos cantarolando alegremente.

Quando o espirito se acha n'uma certa disposição para a melancolia, o quadro dos contentamentos alheios incommoda-o e irrita-o. Haverá n'isto egoismo? haverá n'isto inveja? Eu sei! o homem é monstruoso. Lucrecio, o poeta illimitado, o velho Hamlet, o terrivel sondador do enigma, mostra em dois versos o fundo d'esta humanidade quasi anjo e quasi demonio. «É bom vermos de terra o naufragio dos outros», dizia elle; por que não ha de, pois, causar tristeza o contemplarmos do Oceano os que dormitam na praia? Humanitarios de romance, philosophos de redondilha, irmãos terceiros de todas as ordens, Martinhos que cortaes metade da capa se porventura tendes mais duas e um bom fogão acceso, que sonhos maus vos inturvam os vossos somnos beatificos? Quando, entrincheirados na poltrona e com os pés conchegados nos pantufos caseiros, deitaes as vistas por esse mundo fóra, por que não dispensaes o vosso barrete de algodão, pelo menos, e por que não cobris com elle a fronte loira d'aquella criancinha pobre que além vae pela rua ao frio e á chuva? Por que não ides dar o braço ao velho que se abordoa a caminhar para a cova, em vez de arredondardes o periodo caridoso? Bemaventurados os collaboradores da *Moral em acção*, que escrevem com penna de oiro, e que fabricam os seus conceitos entre uma dentada de biscoito e um trago de aguardente de ginjas; mas desgraçados dos que tem de ler taes paginas, devorando aquelle pão amargo de que nos falla Dante, e bebendo sobre elle as lagrimas mais amargas ainda!

Desculpe-me o leitor esta digressão desenxabida e futil; depois de lhe dizer que nos haviamos sentado a uma varanda que deitava para a estrada, e da qual se descobria o campo e o ceo até longe, deveria ter adoptado um estilo de madrigal, preferivel a todos os respeitos ao de um sermão do advento. Que quer? As varandas dos jardins nem sempre produzem os mesmos effeitos. A de Julieta perfumava-se com aquelles versos divinos que hão de ser o desespero de todos os lyricos, e a de Julia envolvia-se em a nossa mudez profunda. Tanto n'esta como n'aquella havia dois corações que se estringiam n'um amplexo de amor sublime, dois pensamentos que subiam a Deus na mesma aspiração angelica, duas pombas que se tocavam com a ponta da aza, anhelando pelo thalamo das murtas floridas e pela solidão dos bosques; o que na varanda de Julieta não havia, de certo, era quem tivesse escripto n'um album duas estrophes agoirentas como o pio do mocho ou como o uivar de um cão de quinta.

Estava bem abatido o meu orgulho, se é que eu sou peccadoraço de tal genero; a poesia embiocada, o verso gatarrão e pingado, a musa de balandrau e tocha, a inspiração dos que fazem confinar o Pindo com o *Père Lachaise*, haviam escalado o meu fraco bestunto; os cyprestes baloiçavam contentes a sua ramagem pyramidal. Já passava das nove horas quando me levantei para sair. Despedimo-nos com a cordialidade de amigos velhos; a mãe de Pedro pedia-me que voltasse em breve, e Julia secundava-a de um modo affavel e insinuante. Prometti voltar. Em poucos dias deveria ser o casamento; queriam-me ter por testimunha. Sêl-a-hia. Quando eu já punha o chapeo, depois de haver feito o ultimo comprimento da despedida, senti que alguem me tocava; olhei, era Julia.

No seu olhar triste e doce havia não sei que infinito mysterio; ainda tinha a mão pousada no meu hombro, e fitava-me em silencio. Quando os meus olhos deram nos seus, baixou-os, e ouvi-lhe balbuciar mansinho:

«A minha doce paz d'horas divinas,
O que ha de ámanhã ser?...»

Eram ainda os ultimos versos da estrophe.

— A felicidade! respondi-lhe eu; mas no intimo do coração parecia haver-me caído uma lagrima.

(Continúa) E. A. VIDAL.

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 269)

IX

ANNEXOS

Tendo concluido a nossa visita no palacio de cristal, passaremos agora aos annexos. Compunham-se estes de duas grandes casas ou armazens, uma extensa galeria, e o circo, edificado para exercicios equestres, e estreiado pela exposição.



Interior de um dos dois annexos contiguos ao palacio de cristal

Os dois primeiros estavam unidos entre si, e quasi juntos á fachada de léste do palacio de cristal, communicando-se com este por um pequeno vestibulo ou passadiço coberto, que dava de uma parte para o centro da nave de léste do palacio, e da outra parte para a face lateral do primeiro dos annexos. A gravura que acompanha este artigo, copiada de uma photographia, dá uma perfeita idéa da construcção interior de um d'estes dois annexos, em tudo egual ao outro. Construidos em Inglaterra, de ferro e madeira, tanto interna como externamente observa-se n'elles a mesma singeleza. Recebiam a luz pelo tecto, cujo centro era envidraçado em todo o comprimento da casa, pelas grandes portas da entrada principal, que se abriam na frente do norte, que deitava para os jardins do palacio, e pelas do fundo, que davam saída para o parque.

Estes dois annexos tinham sido destinados para a exposição de carruagens e outros vehiculos, machinas, utensilios de manufacturas e officinas industriaes, instrumentos agricolas, horticolas, de mineração, de construcção, etc., etc.

Quanto a carruagens, apenas concorreram expositores francezes, belgas, inglezes e portuguezes.

Um paiz como a França, onde a industria e as artes tem chegado a um subido grau de aperfeiçoamento, e, sobre tudo, onde o bom gosto é como um dote nacional, não podia deixar de figurar dignamente n'este ramo industrial, em que a phantasia dos artistas e as exigencias do luxo tem introduzido tão va-

riadas e caprichosas modificações, para maior elegancia dos vehiculos e commodidade dos homens.

Expozeram mrs. *Bail Jeune*, de Paris, bellas carruagens; *Delaye Oncle Aneveu*, de Paris, um *coupé d'Orsay* com oito molas, lança de ferro e pescoço de cysne; e um *landau* com oito molas, lança de ferro e mola dianteira de novo systema; mad. *Veuve Faurax et fils*, de Leão, um *landau*, uma *victoria*, e um *duque à balustre*; *Alfredo Geibel*, de Paris, *omnibus à ballan*, e *victoria*; *Jorge Houssoit*, de Paris, um carrinho chamado *sociable*, ou *vis-a-vis*, com dois assentos moveis e guarda-chuva; *Guerin et Vicent*, de Paris, carrinhos para crianças e doentes, etc.

De Inglaterra vieram mr. *Hooper & C.ª*, de Londres, com uma carruagem; *T. Rawston Starey*, de Nottingham, com uma *victoria sociable*; *Thrupp Maberly*, de Londres, com uma carruagem. N'estes productos, como em muitos outros, mostrou a industria ingleza que é digna rival da franceza.

Da Belgica enviaram os srs: *N. Pasture*, de Bruxellas, um *cabriolet victoria*; *H. Quesnel*, de Bruxellas, um *coupé* e quatorze quadros com desenhos de carruagens; *Van Aken, frères*, de Antuerpia, um carrinho *coureuse*.

Depois de fallarmos d'estas nações, principalmente da França e da Gran-Bretanha, que nos progressos da humanidade caminham a par, e talvez na dianteira de todas, de certo que não é ensejo favoravel para tratarmos do nosso paiz. Todavia, graças aos esforços dos nossos industriaes, este ramo de industria portugueza figurou alli de um modo que, não sómente não nos envergonhou, mas que tambem nos fez honra pelo mui notavel adiantamento que ostentou.

Concorreram quatro expositores de Lisboa e dois do Porto; a saber: da primeira cidade os srs. *Antonio Candido da Encarnação*, com um *caleche*; *Antonio Nunes*, com um *caleche*; *Francisco de Oliveira*, com duas carruagens; e *J. C. de Almeida Navarro*, com um *coupé*, um *caleche* e um *london*; e da segunda cidade os srs. *Tribolet & Ceres*, com uma carruagem, e *Antonio Marques*, com tres carruagens.

Em machinas e utensilios de manufacturas e de officinas industriaes, entre outros expositores nacionaes, apresentou o *arsenal da marinha de Lisboa* uma variada collecção, e a *fabrica do Bicalho*, do Porto, um torno mecanico para tornear e broquear o ferro, do custo de 1:000$000 réis. O sr. *A. Mercier*, de Louviers, expoz, a par de outros machinismos, um tear automatico, muito digno de attenção.

Em machinas e machinismo em geral figuraram nos dois annexos as industrias portugueza, franceza, ingleza e norte-americana.

A machina que nos parece mais digna de menção é a *machina Allen*, de invenção americana, porém construida na fabrica de mr. *Ormerod Grierson & C.ª*, de Manchester. É movida por vapor, e funccionou todos os dias, durante a exposição, fazendo trabalhar várias das outras machinas expostas. Recommenda-se esta machina pela sua economia no uso do vapor, pela perfeita uniformidade de movimento, qualquer que seja a variação de resistencia, e pela faculdade de trabalhar com grande velocidade, sem vibração nem deterioração.

Era abundante e variadissima a exposição de machinas e instrumentos agricolas e horticolas. O sr. *Antonio de La Rocque*, do Porto, foi dos expositores do reino o que exhibiu mais copiosa collecção d'esses productos, posto que de industria estrangeira.

A França esteve soffrivelmente representada n'este ramo, e depois d'ella a Belgica, a Grau-Bretanha e a Austria.

Viam-se mais n'estes dois annexos alguns bancos de ferro para jardins, outros moveis e utensilios do mesmo metal, e ainda mais diversidades de objectos.

X

GALERIA

O segundo armazem annexo tinha do lado de léste uma porta que dava ingresso para uma extensa e ampla galeria coberta, toda construida de madeira, e com a parte central do tecto envidraçada, por onde recebia abundante luz. Servia ao mesmo tempo esta galeria de communicação com o circo e de logar de exposição.

N'este annexo achavam-se expostos ao longo das paredes diversas qualidades de tijolos, telhas, azulejos e outros materiaes de construcção; mangas de vidro, redomas, telhas de vidro, etc.; vasos, tubos de grez, talhas, figuras, etc.; loiça preta; loiça de pó de pedra; loiça de barro; productos mineraes e agricolas; specimens de botanica, etc. Tudo isto, ou quasi tudo, era producção nacional. Porém o que mais attrahia os olhos dos visitantes, e o que mais lisongeava o nosso amor do paiz, era a exposição dos productos mineralogicos.

Enviaram a *companhia de minas de S. Pedro da Cova*, carvão de pedra; a *companhia de mineração de estanho da provincia de Traz-os-Montes*, barras de estanho da mina de Montesinhos; a *administração das minas do Braçal*, *Mealhada* e *Telhadella*, galena de chumbo e chumbo em barra; o sr. *Manuel Luiz Ferreira*, de Albergaria Velha, minerio das minas do Pindello e do Pintor; a *companhia Lusitania do Palhal*, minerios de chumbo e de cobre; a *companhia Perseverança*, minerios de antimonio e de estanho, das minas de Vallongo e de Paredes; o sr. *Placido Luiz Monteiro*, da Povoa de Varzim, minerio de ferro; os srs. *Costa Braga & Irmão*, *J. M. Nogueira Lima*, *Isidoro Marques Rodrigues Junior*, e *João Baptista Macedo Junior*, do Porto, varios productos mineralogicos do paiz; o sr. *Jorge Alberto Adolpho Leuschuer*, tambem do Porto, treze mineraes da mina de chumbo e prata da Varzea de Trevões (S. João da Pesqueira); cinco mineraes da mina de chumbo de Mercoso (Cambra); oito mineraes da mina do Cuval da Mó (Albergaria); nove mineraes da mina de cobre e chumbo de Telhadella (Albergaria); vinte mineraes das minas de chumbo da Pena (Albergaria); vinte e oito mineraes das minas de chumbo do Braçal (Sever do Vouga); dezeseis mineraes e duas caixinhas com cristaes das minas de estanho de Ramalhosa e Portella da Goiva (Amarante); sete mineraes e duas caixinhas com cristaes da mina de estanho do monte Feital (Guarda); quatro mineraes da mina de estanho das Rodas do Marão (Amarante); e differentes gangas e mineraes das referidas minas; srs. *visconde de Taveiro*, de Coimbra, *Luiz Germano Marionnel Salle*, de Alcobaça, *A. de Cartier*, de Lisboa, *Luiz de Lenne*, de Lisboa, *Soares Sobrinho & Socios*, de Lisboa, diversos productos mineralogicos; *Cartaxo Street & C.ª*, mineral de antimonio e ferro da mina de S. Thiago do Cacem; os srs. *Francisco de Oliveira Chamiço*, minerio de cobre da mina do Meztardeiro (Estremoz); *D. Alexandre José Botelho*, de Montemor-o-Novo, tres exemplares de antimonio e um de ferro; *companhia promotora de Borba*, amostras de marmores côr de rosa claro, escuro, cinzento claro com laivos verdes e amarellados, cinzento escuro e branco; a *camara municipal de Estremoz*, cinco amostras de marmores differentes; o sr. *José Rodrigues Tocha*, minerio das minas de cobre do Bugalho (Alandroal), de Estremoz e de Cachurroeiro (Estremoz), e tres exemplares de manganez, de Evora; a *companhia Esperança*, de Mertola, mineral argentifero; os srs. *Francisco Pessanha de Mendonça Furtado*, e *João Pedro de Mendonça*, ambos de Moura, pyrites de cobre e malachitas da mina de Rui Gomes, e lapis-lazuli; o sr. *Francisco Luiz de S. Betto*, Cabeceiras de Basto, cris-

tal e pedra de amolar, do sitio da Seara; *José Martins Rua*, de Caminha, amostras de várias rochas, sendo um exemplar do granito do monte do Techo, que póde tomar um Louito lustre; a *companhia exploradora de Amarante*, pedras calcareas das pedreiras de Canadello, e minerio de estanho das minas do Mourão; srs. *Sebastião de Mello Lima Falcão Trigoso*, marmores e outras pedras, da freguezia de S. João Baptista de Runa; *Antonio Joaquim Monteiro Dias*, de Lisboa, pedra lithographica de Calhariz da Arrabida; *Joaquim Antunes dos Santos*, de Lisboa, marmores de Cintra; *Antonio Claudino Fernandes Pereira*, de Bragança, marmores de Vimioso; *Alfredo Beduino de Seabra*, de Aveiro, pedra calcarea; *viuva Dejante*, de Lisboa, amostras de marmores; e mr. dr. *Barbier*, de Lisboa, pedras de moer. Rematará este catalogo o nome do sr. *James Mason*, a quem el-rei remunerou ha pouco com o titulo de *barão de Pomarão*, pelos importantes serviços que tem prestado ao nosso paiz nas suas explorações mineralogicas.

Apresentou este distincto industrial uma exposição muito interessante e completa da sua mina de cobre de S. Domingos, proximo de Mertola, no districto de Beja. Compunha-se de muitos exemplares de minerio, alguns de extraordinaria grandeza; de diversas amostras geologicas; de objectos archeologicos, achados nas galerias antigas da dita mina; e, finalmente, de photographias e de grandes quadros de pintura a oleo, representando a mina e a povoação que junto d'ella fundou o sr. barão de Pomarão para residencia dos operarios e mais individuos empregados na lavra e na administração de tão importante jazido metallurgico.

É esta uma das minas, existentes em o nosso paiz, que foram exploradas pelos phenicios e romanos. Os objectos archeologicos acima referidos consistiam em moedas romanas, fragmentos de instrumentos e utensilios de metal empregados pelos romanos na lavra da mina e em outros usos [1].

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O HOMEM É GRANDE EM QUALQUER CONDIÇÃO

(EXCERPTO DE CHANNING)

O homem é grande, naturalmente e por si, em qualquer condição, apesar do logar que tenha na sociedade, do seu estado, da sua riqueza, da sua miseria ou da sua fama. É a fraqueza dos nossos olhos que torna pequeno o homem. Qualquer distincção exterior será insignificante perante a grandiosidade da sua natureza.

A intelligencia, a consciencia, o amor, o conhecimento de Deus, o sentimento do bello, a acção sobre si proprio, sobre a natureza exterior e sobre os similhantes, são dons que pertencem a todos os homens, assim ao pobre como ao rico, e são gloriosas prerogativas. O mau habito de menosprezar, que é commum a todos, é que nol-as fazem considerar como sendo de pouco valor; e comtudo, tanto na alma como na creação exterior, o que é commum é o mais precioso. A sciencia e a arte podem, por exemplo, inventar as mais esplendidas illuminações para o aposento do rico; mas tudo será mesquinho e sem valor em comparação da luz commum que o sol nos envia por todas as janellas, que derrama com liberalidade e sem preferencia na collina e no valle, na cidade e na aldeia; da luz que todos os dias dá vida e calor no oriente e no occidente. Do mesmo modo são tanto as luzes communs da razão, como as da consciencia e do amor, porque isto é mais elevado e tem mais valor que as qualidades extraordinarias que fazem a celebridade de alguns homens.

Não deprimamos a natureza que é commum a todos os homens, porque ninguem póde medir-lhe a grandeza. É a imagem de Deus, a imagem do infinito, porque se não póde designar o limite do seu desenvolvimento.

O que possue as divinas faculdades da alma é um ente grande, qualquer que seja o seu logar no mundo. Podem vestil-o de andrajos, occultal-o em um carcere, prendel-o ao trabalho do escravo: será sempre grande, apesar d'isso. Podem fechar-lhe todas as casas da terra, porque Deus mandar-lhe-ha abrir todas as habitações do ceo.

Os homens grandes encontram-se em toda a parte, e não é facil designar a condição ou a classe em que se produz o maior numero. A verdadeira grandeza nada tem com a esphera que se occupa, porque não se refere á acção externa, nem á extensão dos effeitos produzidos. O maior homem será porventura o que tenha menor influencia. Póde até succeder que os maiores homens das nossas cidades nos sejam inteiramente desconhecidos.

A grandeza de caracter consiste na força, mas na força da idéa, do principio moral e do amor, e póde por isso encontrar-se nas mais humildes condições da vida.

Um homem educado para uma profissão obscura, cercado pelas necessidades de uma familia que vae crescendo sempre, póde, na sua limitadissima esphera, ver mais claro, raciocinar melhor, julgar mais prudentemente, e, em situação difficil, ter mais decisão, mais desassombro, mais serenidade, que tal individuo que, á força de estudos, conseguiu adquirir thesouros de conhecimentos: ha, portanto, alli a verdadeira grandeza.

Tal individuo que não se afastou nunca da sua morada senão algumas legoas, póde de certo comprehender melhor a natureza humana, descobrir as causas e avaliar os caractéres mais sagazmente que tal outro que tenha percorrido o mundo inteiro e conquistado nome pela relação de suas viagens.

A força do pensamento é a medida da grandeza intellectual, como a firmeza das convicções é a medida da grandeza moral, do mais nobre dom concedido á humanidade, da mais brilhante manifestação da divindade.

B. A.

ÁCERCA DE PLINIO O ANTIGO

Todas as vezes que se trata da erupção de 79, não se deixa de referir que Plinio morreu victima do seu zêlo scientifico, e isto se repete quando se trata de uma nova erupção do Vesuvio. Plinio queria, sem dúvida, visitar os arredores do Vesuvio para satisfazer o seu amor da sciencia, e alli se finou; mas é preciso dizer tambem, e o que é ainda mais veridico e glorioso para elle, é que foi principalmente victima do respeito para com o dever e da dedicação para com a humanidade. Basta, para testimunhal-o, ler a carta que seu sobrinho, Plinio o Moço, escreveu ao historiador Tacito, que lhe pedira informações ácerca d'aquelle acontecimento.

O primeiro dia da erupção, nas calendas de novembro (primeiro de novembro, á uma hora da tarde), Plinio achava-se em Miseno, onde commandava a frota na qualidade de prefeito, e alli soube que se descobrira no horisonte uma nuvem de grandeza e fórma extraordinarias. O sabio interrompeu então os seus estudos, e subiu a um logar elevado para observar o phenomeno; depois, desejando averigual-o aproximando-se mais, mandou apparelhar um pequeno barco, sem antever o perigo que o aguardava.

Foi só na occasião da partida, que Plinio recebeu cartas de Retina, nas quaes os marinheiros o informavam assustados do perigo que elles corriam e todos os habitantes da costa, onde a belleza do sitio e do clima attrahia innumeros visitantes; mas longe de

[1] Vid. o que escrevemos ácerca d'esta mina, á pag. 180 do vol. VI.

arrepender-se do seu projecto, Plinio apressou, pelo contrario, a partida. Já não é o sabio que vae embarcar-se para satisfazer a curiosidade, é o prefeito da frota que vae expor a vida em obediencia ao dever; é o homem honrado que vae morrer para salvar os desgraçados. O sabio parte, pois, e o que desejava fazer em interesse da sciencia executa-o com o atrevimento da dedicação.

Segundo estes factos, referidos na carta de Plinio o Moço, deve repetir-se bem alto, para honra do coração humano e para gloria do antigo sabio, que elle morreu antes pelo amor dos homens que pelo amor da sciencia.

Confirma tambem esta carta dirigida a Tacito, a serenidade de Plinio registando as observacões, a sua grandeza de alma no meio do perigo, a sua insistencia em avançar sempre, e o seu esquecimento de si para tranquillisar os que o cercam; e tudo accrescenta, se é possivel, a admiração e veneração devidas ao illustre sabio e singular victima do dever.

ENTRE FLORES

NO ALBUM DA EXC. SRA. D. MARIA DA ASSUMPÇÃO DE PODENTES

Imagina, senhora,
uma casinha branca entre arvoredos;
um lago junto d'ella,
junto ao lago um jardim.

Á porta da morada encantadora
uma hastea de hera a entretecer um arco,
e a enrolar-se nos vimes d'um jasmim;
no jasmineiro um ninho;
uns ovinhos lá dentro, e os ternos medos
com que os guarda amorosa philomela.

Dentro do lago um barco;
e n'elle uma donzella
d'olhos humedecidos e formosos,
grandes, azues, profundos como o espaço;
cabello ondeado e solto;
collo de cysne; o corpo esbelto e airoso;
lyra d'oiro poisando-lhe no braço;
um véo de gaze em ondas mil revolto
por sobre a azul roupagem,—
como aérea visão que se evapora
quando o poeta enamorado acorda
ao sentido vibrar d'intima corda,
ou nevoa matinal velando a aurora.
E em quanto de seus labios melindrosos
fogem suaves, indistinctas magoas,
e timida suspira,
sua elegante e seductora imagem
a reflectir-se no cristal das aguas,
e a segredar-lhe uns magos sons a lyra.

Serranias gigantes
erguendo-se nevadas e arrogantes
na extrema do horisonte,
e do outro lado o mar.

Com murmurinho manso, incerto, vago,
a poetica lympha d'uma fonte
desce furtiva, e a medo
se escôa, e cae dos musgos d'um rochedo
a tintilar no lago.

Modifique-se o tom do quadro ameno:
a luz do sol desmaia;
repinta-se d'azul o mar e o ceo;
os roseiraes redobram de perfumes;
de anhelitos frementes a floresta;
crepitam na amplidão timidos lumes;
na molle copa de tufada olaia
acorda um rouxinol em cada arranca;
e um raio de luar que além se ergueu
bate de chapa na casinha branca!

Ó bella, escuta agora
os sons que vem das aguas...
Que toada encantadora!...
diz alegria ou magoas?
A voz, ora se alegra, ora se enlucta;
ninguem sabe se canta, ou se suspira,
a branca fada que dedilha a lyra!...
Escuta!... escuta:

—«É posto o sol! horas do casto enleio,
velae meu seio, em que trasborda amor!
minh'alma, accende a veladora chamma!
expande-te, ama, solitaria flor!

Dedilho a lyra, e pranto a flux me brota!
e em cada nota se me enreda um ai!
astros, sorri-me! aureo luar, fulgura!
lago, murmura! rouxinoes, cantae!

É bella a vida entre canções e flores:
sombra e fulgores têem o valle e os ceos;
hymnos, o bosque; a madre-silva, insenso;
concerto immenso do infinito a Deus!

Mas d'onde vem esta tristeza suave
ao canto da ave, ao scismador luar,
ao bosque, ao valle, ao ceo, á choça, ao monte,
ao lago, á fonte, ao gemebundo mar?

D'onde este arfar, d'onde este vago anceio
na aura, no seio, e no tremer da flor?
É pena, e ri! quando é prazer, suspira!
dize-me, ó lyra, é tudo isto?...»—

—«Amor!»—
lhe respondeu voz ignota.
Ella estremeceu de pejo,
e abafou a ultima nota
nos sons d'um tremulo harpejo.

....

....

Se te agrada esta paizagem,
se este quadro achas risonho,
dá-te por finda a romagem.
Tens a verdade bem perto,
mas vale mais o teu sonho.
Já viste, ó virgem, de certo,
co'a luz do teu alto espirito,
que esbocei de phantasia,
e co'as tintas descóradas
da minha obscura palheta,
o retrato da poesia;
faltou... pintar-te o poeta.

Na casa que tanto alveja
vive o pobre; mas lá dentro,
onde o seu genio se expande,
não vás, que é mansão de dores!
Bem sabes! tudo que é grande
tem por fóra alvura e flores,
mas ai! que abysmos no centro!

Deixo incompleto o meu quadro:
o fundo é todo funereo!
só te mostro as galas do adro,
mas fecho-te o cemiterio!

Lisboa, 31 de maio de 1866. THOMAZ RIBEIRO.